

# **SUBDESENVOLVIMENTO NA ÁFRICA: UMA ABORDAGEM INSTITUCIONAL VEBLENIANA**

**André Abdala**

Mestre em Economia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
Endereço para contato: Rua Ramos Muniz Cerqueira, 61. Forquilhas - São José/SC.  
CEP: 88107-290. E-mail: andre\_abdala@hotmail.com

Recebido em 16 de julho de 2016. Aceito em 16 de março de 2017.

## **RESUMO**

Esta pesquisa realiza uma análise literária sobre os fatores que impactam o desenvolvimento econômico no continente africano, sob a abordagem dos fundamentos da escola institucional de Thorstein Veblen. Por razões do estudo se considera que a política colonial europeia corrompe laços étnico-culturais na África, visto que delimita fronteiras em áreas com uma diversidade de povos e que, posteriormente, com a independência das nações africanas, os governos europeus alçam condições para que uma nova elite, agora africana e submetida a uma estrutura mental à europeia, utilize o poder, em benefício de um grupo étnico específico e, em detrimento, de outros grupos étnicos. Por fim, este trabalho realiza uma análise empírica em painel pelo MQO e GMM, a qual aponta para os impactos da corrupção no crescimento econômico africano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Institucionalismo, desenvolvimento, África.

## **ABSTRACT**

This research makes a literary analysis on the factors that impact economic development in Africa, under the approach of the foundations of institutional school of Thorstein Veblen. For reasons for study it follows that European colonial policy corrupts ethnic/cultural ties in Africa, as delimiting boundaries in areas with a diversity of people and, later, with the independence of African countries, European governments lift conditions for a new elite, now African and subjected to a mental structure for European, use the power for the benefit of a specific ethnic group, at the expense of other ethnic groups. Finally, this paper conducts an empirical analysis in panel by OLS and GMM, which points to the impact of corruption in African economic growth.

**KEYWORDS:** Institutionalism, development, Africa.

## Introdução

Busca-se com este trabalho compreender os fatores que obstam o desenvolvimento econômico no continente africano. Muitos autores realizam uma análise, exclusivamente, econômica para explicar tal fenômeno. No entanto, o problema do subdesenvolvimento econômico na África abrange diversos outros fatores, como culturais, políticos, étnico, entre outros, de modo que há necessidade de um estudo permissível aos campos, também, antropológicos, sociológicos e, até mesmo, de aspectos voltados à natureza humana.

Nesse sentido, podemos citar Hamilton (1919), que afirma que as mudanças nos processos institucionais são oriundas das mudanças das ações humanas e vice-versa, de modo que essas modificam os processos institucionais e, então, ambas as mudanças se retroalimentam. Assim, para explicarmos os fenômenos sociais, partamos dos estudos realizados pela escola institucionalista, a qual fora desenvolvida por Thorstein Veblen, a partir do fim do século XIX, e da qual Hamilton (1919) faz parte.

Hamilton (1919) sugere que a ação humana principia o processo institucional e, desde então, é uma relação circular, porém dinâmica, que passa a preponderar. A partir disso, esta pesquisa apresenta uma questão: o que determina o quê? O processo institucional que determina a ação humana ou a ação humana que determina o processo institucional?

Assim, ao responder essa questão, se torna possível compreender as causas do subdesenvolvimento africano. Por conseguinte, a ótica deste trabalho é econômica-social, no entanto, não deixa de considerar os aspectos étnico-culturais.

Então, na seção um (1) aborda-se os principais conceitos dos institucionalismo vebleriano sob a ótica de próprio fundador e de outros autores; na seção dois (2) há elucidada o desenvolvimento da sociedade econômica, também sob a ótica vebleriana; na seção três (3) analisa-se as causas do subdesenvolvimento econômico na África; e, na seção quatro (4) apresenta-se as conclusões deste artigo.

### 1. O institucionalismo vebleriano

As ciências econômicas são comumente utilizadas para explicar as etapas do desenvolvimento de qualquer sociedade ou nação, No entanto, muitas pesquisas exclusivamente economicistas carecem de outros elementos para tornar o estudo do desenvolvimento econômico mais profundo.

Lapouge (1897 *apud* VEBLEN, 1998) analisa que a antropologia possui uma capacidade mais abrangente ou totalizante para o estudo das ciências sociais. Assim, conforme Veblen (1998, p. 403), *M. G. De Lapouge recently said, Anthropology is destined to revolutionize the political and the social sciences as radically as bacteriology has revolutionized the science of medicine.*

Logo, as ciências econômicas necessitam de reabilitação, porque sem uma abordagem totalizante, ou seja, uma análise que agregue os elementos sociológicos e antropológicos, tendo em vista que as diferentes áreas das ciências sociais e humanas estão interligadas, a economia é incapaz de lidar com suas questões ou respondê-las de modo pleno. A ciência, sob a abordagem de um processo evolutivo, compreende uma sequência de desdobramentos. Portanto, a economia não pode ser vista, apenas, como um processo econômico, uma vez que há uma sequência de fatos que influenciam ou determinam outros acontecimentos (VEBLEN, 1998).

Com isso, a ciência possui um caráter cumulativo, pois tudo possui causas e efeitos e não existe transição abrupta, isto é, as mudanças são graduais e os efeitos cumulativos. Diferentemente das leis naturais da economia, as quais propõem uma tendência natural na dinâmica das variáveis econômicas: a abordagem institucionalista, por exemplo, utiliza a biologia para tratar do caráter evolutivo ou da causalidade cumulativa nas ciências econômicas. E, com isso, observa-se, também, uma diferença da escola institucionalista, com relação à história, posto que a análise historicista narra os fatos e os fenômenos, mas não observa o aspecto evolutivo (VEBLEN, 1998).

De modo semelhante, Hamilton (1919) observa que a economia institucional explica a natureza e a extensão de ordem econômica em meio a fenômenos econômicos, de modo que possa responder o porquê da situação em que se encontra determinada sociedade. E, tal explicação, por virtude de seu caráter abrangente, não pode ser respondida por formalizações matemáticas, posto que, como analisa o autor, a *ordem econômica* é compreendida por convenções, costumes e hábitos de pensamento.

Conforme Hodgson (1998), Veblen (1998) desenvolve um teoria de evolução econômica e institucional sob o uso de uma análise darwinista. Nessa análise de seleção natural, a qual compreende o aspecto evolucionário, há uma abordagem mais ampla que envolve áreas como a psicologia, a antropologia e a sociologia.

Consequentemente, a causalidade é cumulativa em razão, principalmente, da imitação e da inércia do comportamento humano. Assim, a natureza humana tem entre suas características, não apenas desejos, mas, também, traços hereditários e experiências passadas, nas quais se acumulam e formam tradições e convenções sociais (HODGSON, 1998; VEBLEN, 1998).

Assim, consoante Veblen (1998), o agente econômico é um ser com hábitos e tendências herdadas por antecedentes e pelos meios culturais<sup>1</sup>, de modo que dá forma a pensamentos. E, como o homem é um ser teleológico, a partir de sua estrutura cultural e mental, toma as suas devidas ações com um propósito. Portanto, conforme o autor,

---

1 O ser humano é dotado de hábitos e instintos. Os hábitos são as características comportamentais herdadas do meio social no qual o indivíduo interage e pode mudar. E os instintos são características comportamentais inatas e comuns a todos os homens e, portanto, não mudam (HODGSON, 2004).

[...] The economic life history of the individual is a cumulative process of adaptation of means to ends that cumulatively change as the process goes on, both the agent and his environment being at any point the outcome of the past process [...] (VEBLEN, 1998, p. 411).

Conforme Veblen (1998), a ação econômica é teleológica na compreensão de que os homens sempre e, em toda a parte, procuram fazer alguma coisa com uma determinada finalidade. Assim, a vida da comunidade econômica corresponde a uma atividade do tipo teleológico, ou seja, num agregado de ações teleológicas dos agentes econômicos.

De acordo com o autor, a história da vida econômica, em qualquer sociedade, é a sua história de vida do homem na medida em que ela é moldada por interesses do homem nos meios materiais de vida. E esses interesses econômicos exercem determinação na formação cultural da sociedade, de maneira que convenções e modos de pensar, ou os hábitos de pensamentos, como afirma o autor, se acumulam, tendo em vista o caráter evolucionário das instituições, nas quais os modos de pensar se modificam gradualmente e que, por isso, os hábitos de pensamento anteriores ainda acompanham, mesmo que parcialmente, os novos hábitos de pensamento. Consequentemente, desenvolve-se um processo cumulativo de instituições<sup>2</sup> econômicas, no qual os homens buscam os meios materiais de vida, conforme dito pelo autor, e, assim, os interesses econômicos geram consequências que dificilmente retroagem no tempo.

Ainda conforme o autor, a análise historicista por si só não enxerga esse processo cumulativo de mudança na estrutura cultural de uma sociedade. Inclusive, a análise puramente hedonista<sup>3</sup>, a qual muitos economistas utilizam, também, necessita de uma apreciação em termos de hábitos de pensamento acumulados, uma vez que tal análise não observa um caráter evolucionário da sociedade somado aos interesses econômicos individuais.

De modo semelhante, Hodgson (1998) observa que os hábitos preservam os resultados de escolhas anteriores, ou seja, “*a habit is a form of self-sustaining, nonreflective behavior that arises in repetitive situations*” (HODGSON, 1998, p. 178). O autor ainda afirma que hábitos preservam conhecimentos, inclusive, tácitos e costumes, de modo que os hábitos se autorreproduzem. Igualmente, Albert, Bagolin e Quadros (2008) ponderam que as preferências e escolhas são formadas por componentes passados e culturais dos indivíduos sob a influência dos costumes, leis, modos de pensar e sentir e valores.

Assim, de acordo com Hodgson (1998), as instituições têm características em comum, já que constroem e influenciam a tomada de decisão e são moldadas pela ação

---

2 De acordo com Hamilton (1919), instituições são arranjos sociais capazes de promover mudanças. E tais arranjos, como as convenções, os hábitos, os costumes e os modos de pensar, moldam a ordem econômica e permitem, com isso, explicar a sociedade industrial vigente. Portanto, uma análise estritamente econômica ou economicista não pode responder por que determinada a sociedade encontra-se em determinada situação econômica. Somente a economia institucional pode fornecer a resposta adequada, em razão de seu caráter amplo de visualização, no qual se investigam os fenômenos cumulativos, desde o princípio.

3 Visão de que os agentes buscam a maximização do bem-estar.

humana<sup>4</sup>. Por conseguinte, a economia institucional vê regularidades no sistema que são reforçadas por feedbacks positivos. Com isso, os hábitos individuais também são reforçados por instituições, de modo que tais hábitos se acumulam em razão de sua inércia durante o processo evolutivo das relações sociais.

Os hábitos ou as rotinas intelectuais transformam informações em conhecimentos capazes de realizar outras transformações sociais, as quais fundamentam outros conhecimentos. E, assim mesmo, como já observado, é um processo cumulativo (HODGSON, 1998; VEBLEN, 1998). Assim sendo, Hodgson (1998) compreende que as limitações institucionais ou de determinadas características institucionais ocasionam numa sociedade industrial limites para o investimento e a produtividade, tendo em vista que existem relações causais como, por exemplo, a cultural nacional, o sistema político, entre outros.

Consequentemente, nas instituições ocorrem seleções de hábitos e rotinas, nas quais umas prevalecem e outras entram em desuso, de tal modo que explicam o motivo de o institucionalismo ser congenitamente uma economia evolucionária (HODGSON, 1998).

Conforme Hodgson (1998), na formação institucional a aprendizagem não é somente a aquisição de informações, mas, também, é o desenvolvimento de novos meios e modos de cognição<sup>5</sup>, cálculo e avaliação. Desse modo, os agentes constroem novas representações do ambiente, como novos modos de pensar, e, assim, novas tendências.

A rapidez da maturação do ambiente social depende do nível e do tipo de aprendizagem. O nível indica a velocidade<sup>6</sup> da mudança, indicando o quão é desenvolvida a sociedade industrial, e o tipo representa o aspecto qualitativo da mudança capaz de alterar a estrutura institucional.

## 2. O desenvolvimento da sociedade econômica

De acordo com Ryback (1998 *apud* ALBERT; BAGOLIN; QUADROS, 2008), uma base psicológica, moral e cívica adequada é um fator de determinante no desenvolvimento econômico de uma nação. Ou seja, quanto mais deturpada for essa base, que procede de hábitos de pensamentos dos indivíduos que compõem uma sociedade, menor será o nível de desenvolvimento nacional.

Destarte, Veblen (1898) aborda que existem duas características ou instintos humanos que determinam o nível de desenvolvimento de uma sociedade: o instinto para o

---

4 As instituições possuem um sistema de regras de comportamento ou de controle que buscam a manutenção de um padrão. Isso significa o controle do desenvolvimento de uma sociedade industrial depende de um conjunto de convenções e as modalidades que o compõem (concentração econômica, técnica industrial, patentes, direitos etc.) (HAMILTON, 1919).

5 Cognição é o processo de aquisição de conhecimento.

6 A velocidade de maturação depende da rigidez do modo de vida da sociedade porque, conforme Veblen (1898), essa rigidez determina o grau de sensibilidade à reprodução de novos hábitos ou condutas emergentes.

artesanato e o instinto para o esporte. O instinto para o artesanato ocorre regularmente em sociedade industriais desenvolvidas e se relaciona com a propensão de trabalho bem feito e com propósito, desde que não seja uma atividade que sobrecarregue fisicamente o homem; e o instinto para o esporte se caracteriza pela emulação e acontece em qualquer sociedade, uma vez que os indivíduos possuem, em graus distintos, conforme a sociedade, um determinado espírito competitivo em diferentes atividades. Porém, quando já existe um relativo progresso instrumental de produção<sup>7</sup>, os indivíduos tendem a desenvolver um comportamento agressivo.

Por conseguinte, nas sociedades, ainda não devotas ao instinto para o artesanato, com um relativo progresso técnico prevalecem as brigas e demais disputas, cujas propensões são do tipo destrutivo. Desse modo, sociedades em estágios menos avançados, ou sejam, sociedades cujos instintos para o artesanato ainda não são predominantes, uma vez desenvolvidas certas capacidades técnicas, desenvolvem modos vida mais predatórios, donde a transformação artesanal de matérias primas, em objetos úteis, não é vista com admiração.

Logo, a honra é a exploração e a contenda. Consequentemente, os indivíduos que transformam a matéria prima não pertencem a estratos sociais mais elevados e, portanto, as atividades industriais não são respeitadas. E, sendo assim, o trabalho causa incômodo espiritual, de maneira que o remédio de tal ordem é a subversão cultural<sup>8</sup>. Entretanto, à medida que o capital se desenvolve, a estrutura cultural se modifica e o espírito, antes esportista, se volta para o espírito de artesanato (VEBLEN, 1898).

O desenvolvimento industrial gera tarefas que findam em servir melhor o homem. Consequentemente, o trabalho bem feito passa a ser apreciado, de maneira que o senso esportista deixa margens ao instinto para o artesanato. Desse modo, Veblen (1898) afirma que, [...] *What meets unreserved approval is such conduct as furthers human life on the whole, rather than such as furthers the invidious or predatory interest of one as against another* (VEBLEN, 1898, p. 192).

O modo de pensar artesanalmente é produto de um processo ou de mudanças de hábito com o desenvolvimento da sociedade. As ações humanas são guiadas por suas propensões e, dessa maneira, o nível de desenvolvimento econômico é moldado por tais inclinações. Assim, com o desenvolvimento, a guerra e o conflito passam a ser vistos com repulsa, visto que em nada contribuem para o desenvolvimento da sociedade. Por

---

7 De acordo com o autor, em sociedades ainda primitivas, cujo progresso material ainda é muito rudimentar, tende a prevalecer um espírito coletivista. No entanto, à medida que ocorre o desenvolvimento das ferramentas e da eficácia produtiva, o espírito emulativo e predatório passa ser manifesto. Assim, as armas mais eficazes são construídas e a oportunidade de se extrair benefícios do comportamento agressivo aumenta. E isso se intensifica com a maior densidade populacional, a qual provém da maior eficácia produtiva, de modo que a sociedade passa de um estado arcaico para um estado predatório ou de barbárie, onde o uso exploratório da força prevalece, sendo que a reputação é o combate, e não o trabalho bem feito, como nas sociedades desenvolvidas.

8 Abordar subversão, em primeira vista, pode aparentar um paradoxo, posto que o processo cumulativo institucional é gradual, como trata Veblen (1998). Entretanto, a solução em, apenas, um período, em curto prazo, é a mudança abrupta.

consequente, os hábitos de caráter pacífico e industrial se formam gradualmente com o aperfeiçoamento das ferramentas e da técnica produtiva (VEBLEN, 1898).

No modo de vida predatório, o sentimento individualista prevalece<sup>9</sup>, em detrimento do desenvolvimento da sociedade. Qualquer forma de conduta diferente é debelada pelo hábito comum. E quanto mais prolongada e consistente essa adaptação seletiva, mais rígida se torna a mudança do modo de pensar, e mais comum se torna tal conduta. No entanto, uma vez predominante, o instinto para o artesanato, a seleção na comunidade se volta para a nova ordem econômica (VEBLEN, 1898).

Entretanto, a mudança de ordem econômica, na qual se formam as instituições financeiras capazes de acompanhar o desenvolvimento industrial e criar um estado de arte industrial, não acontece sem um estoque comum de conhecimento oriundo de experiências pretéritas, de modo que se difunde, ao longo, da sociedade. Dessa maneira, a falta ou o nível diminuto de estoque comum de conhecimento, uma vez que retarda a constituição da tecnologia indispensável, ao desenvolvimento industrial, acaba por obstaculizar a formação de uma sociedade de negócios capaz e interessada em fomentar o avanço industrial (VEBLEN, 2011).

Cyert e March (1963 *apud* Lazaric, 2010), numa outra abordagem, porém complementar, ao tratar da organização empresarial, pondera sobre a existência da coalização, do conflitos e da organização. A partir disso, os autores observam que a negociação é inerente a organização a fim de solucionar os conflitos. Portanto, os indivíduos buscam uma coalizão. No entanto, quando o acordo não é possível incorre-se num obstáculo ao desenvolvimento econômico. Já Nelson e Winter (1982 *apud* Lazaric, 2010) afirmam que os conflitos devem ser canalizados para a rotina. A partir desta abordagem, a canalização ou a acomodação dos conflitos é direcionada aos hábitos e, conseqüentemente, os novos modos de pensar passam a estar arraigados na rotina dos indivíduos.

Rosenstein-Rodan (1984 *apud* Oliveira, 2013), assim, como Kuznets (1986 *apud* Oliveira, 2013) releva a importância de fatores não-econômicos (aspectos naturais, históricos, sociais) no processo de desenvolvimento nacional. Conforme o último autor, as instituições são socialmente incorporadas e o aumento estoque de conhecimento capaz de alterar a estrutura econômica tem correlação com o bem estar material e de sua competência de realizar as transformações. Em consequência, Kuznets (1966 *apud* Oliveira, 2013) analisa que as inovações tecnológicas procedem de inovações institucionais.

Ao partir de ótica semelhante, Lewis (1960 *apud* Oliveira, 2013) avalia a determinação dos modos de pensar no processo de desenvolvimento econômico. Dessa maneira, o autor exemplifica a associação da riqueza ao prestígio social, ou seja, uma

---

9 Na sociedade desenvolvida, também, há o sentimento individualista. Porém, o aspecto institucional para o desenvolvimento material da sociedade tende a prevalecer, de modo que instituições, como as federações e os sindicatos patronais, exercem uma política de interesse conjunto, uma vez que há a compreensão de que o fortalecimento de um conjunto torna maior o progresso individual.

atitude que revela o prestígio em possuir bens. Caso o prestígio for pela posse de terras, o consumo é improdutivo. E se o prestígio estiver ligado ao comércio e a indústria, então, o consumo é do tipo produtivo. Com base nessa abordagem se diferencia o nível de desenvolvimento de uma nação.

Conforme o autor, o desejo de consumir<sup>10</sup> e o acesso de determinado conjunto de produtos influencia o processo de desenvolvimento, assim, como a valorização do trabalho, a recompensa individual pelo trabalho e a liberdade. Com relação à liberdade configura-se o aspecto econômico, a possibilidade de ascensão social e a ação coletiva, na qual o governo acresce ao individualismo. E esse conjunto de valores pode ser ampliado e difundido, de modo que altere os hábitos de pensamento e, por consequência, o nível de desenvolvimento econômico.

Com base nas abordagens desta seção, se analisa que o estoque de conhecimento comum gera um efeito cumulativo, em forma que enseja o surgimento de novos conhecimentos, especializações e tecnologias, de jeito que, a nação que está retardatária e pouco avança, em relação às demais nações, tende a ter uma defasagem, entre aquisição de conhecimento e o desenvolvimento industrial, cada vez maior.

Ou seja, o tempo de aquisição de um conhecimento se torna grande, de forma que demore mais tempo para o desenvolvimento das estruturas produtivas, uma vez que tal conhecimento se torna obsoleto quando comparado aos novos conhecimentos das novas nações desenvolvidas, os quais são cada vez mais rápidos e que, por isso, as estruturas produtivas se desenvolvem com maior velocidade de tempo.

Contudo, todo desenvolvimento principia com a mudança dos hábitos de pensamento. Sem a qual, a sociedade em nada se desenvolve podendo inclusive retroceder, em termos de desenvolvimento econômico.

### **3. O subdesenvolvimento econômico africano**

Desde a descolonização, a África é área com maior número de conflitos armados no globo terrestre, em comparação com sua população (DÖPCKE, 2004). E muitos pesquisadores associam o subdesenvolvimento no continente africano à pobreza e à fragmentação étnica nos Estados, a exemplo de Brito (2008), contando que o aspecto econômico tende a prevalecer. Entretanto, muito antes dos indicadores econômicos, há outras características que explicam o atual momento na África, seja sob uma abordagem sociológica, seja sob um viés antropológico.

Conforme Machado (1984), sob a análise da sociedade africana, a inserção de uma comunidade diferente em outra área ocasiona um choque cultural, de tal maneira que se torne um dos primeiros fatores de conflitos armados.

---

10 O autor afirma que o desenvolvimento econômico, científico, cultural e dos meios de comunicação influenciam na modificação nos desejos de consumo. E que o comércio é um fator determinante para o desenvolvimento, uma vez que influencia na modificação dos hábitos de consumo. Portanto são indispensáveis mercados organizados.

Durante séculos, povos com técnica mais aprimorada e estrutura política mais organizada têm sobrepostos povos menos desenvolvidos, como as comunidades tribais africanas, nas quais há pouca densidade populacional e a técnica é pouco desenvolvida (MACHADO, 1984). Tal sobreposição, ao longo do tempo, além de entre povos africanos e europeus, também, se exemplifica, entre povos africanos de facções ou tribos diferentes.

Segundo Machado (1984), a diferenciação cultural é usada como pretexto para a colonização, visto que a sociedade europeia julga a sua cultura superior à africana. Em modo semelhante, Amin (1994 *apud* BARBOSA, 2012) analisa a crença no desenvolvimento europeu/ocidental como algo desejado a todas as sociedades e nações. Isso se configura em uma estrutura mental de caráter provinciano na Europa, na qual se difunde nas regiões periféricas.

Em concordância com Amin (1994 *apud* BARBOSA, 2012), os povos subdesenvolvidos, sob o olhar europeu, devem passar por uma trajetória civilizacional única, cujo ponto máximo é o modo de vida europeu. Igualmente, Quijano (2000 *apud* BARBOSA, 2008) analisa que a imposição da cultura europeia/ocidental na sociedade africana se relaciona a um paradigma, no qual se reproduz a estrutura mental de uma sociedade a outra<sup>11</sup>. Porém, de acordo com Döpcke (1999), o interesse pela expansão comercial é um relevante fator da colonização europeia na África<sup>12</sup>.

A colonização europeia conduz ao surgimento de guerrilhas africanas, em prol da independência nacional, sendo que muitas têm continuado, em tempos hodiernos, nas disputas pelo poder. A partir disso, observa-se que a formação de nações africanas, na segunda metade do século XX, recrudesce diversos conflitos no continente africano. Então, muitas ressurgências culturais, entre grupos diferentes no continente, devem passar por um estudo etiológico<sup>13</sup> (MACHADO, 1984).

De forma semelhante, Gonçalves (2001) afirma que delimitação colonial europeia afeta equilíbrios demográficos e locais. Assim, consoante Amin (1989 *apud* BRANCO, 2009), o pluralismo cultural é um obstáculo à construção de uma nação e, desse modo, do

---

11 A concepção de superioridade da cultura europeia/ocidental sobre as demais culturas é tratada como uma visão etnocêntrica, ou eurocêntrica, neste caso, de modo que isso se configure em uma questão ontológica a ser respondida. Ou seja, no sentido vebleniano, se trata de uma questão que parte da análise da interação do comportamento do ser humano com a comunidade (OLIVEIRA, 2013).

12 Segundo Campos, Gonçalves e Rieger (2011), durante a Segunda Revolução Industrial (1850-1870), em razão dos avanços científicos voltados à produção industrial, a produtividade do trabalho aumenta. Entretanto, o nível de desemprego se eleva com a instalação de novas maquinarias e, com isso, o mercado interno sofre com o declínio do consumo, e, posteriormente, há redução do nível de investimento, a despeito de a produção continuar ascendente. Por consequência, se irrompe a primeira depressão do capitalismo (1873-1895), na qual o nível concorrencial se reduz com o aumento de fusões e aquisições. Assim, pela necessidade de novos mercados para a produção excedente, as potências europeias discutem na Conferência de Berlim (1884-1885) a partilha da África, a qual ocasiona uma quebra de identidade cultural nos povos do continente africano. A partir disso, juntamente, com o interesse econômico se introduz uma estrutura mental nos conformes do modo de vida europeu.

13 O conceito de etiologia refere-se ao estudo para explicar as causas de algum fenômeno.

processo de desenvolvimento e da democracia<sup>14</sup>. Em vista disso, Dahl (2000 *apud* BRANCO, 2009) pondera que a resolução de conflitos políticos exige negociação, conciliação e compromisso, posto que grupos políticos representam apenas grupos étnicos específicos.

No entanto, essa negociação política para acomodar interesses culturais e, por conseguinte, a construção de nações se corrompe quando os Estados europeus demarcam territórios coloniais. Dessa maneira, com a independência dos estados africanos, grupos políticos passam a representar interesses étnicos particulares, de modo despótico, em detrimento do bem comum.

Condizente com essa ótica, Machado (1984) analisa que as divisões territoriais, traçadas pelos Estados europeus, sem respeitar as características dos povos locais, ensejam os conflitos no continente, inclusive, pelo princípio de sacralidade entre grupos étnicos diferentes num mesmo território. Portanto, antagonismos latentes, entre tribos e etnias diferentes, no período colonial se irrompem, com o intuito de disputar o poder político, com a independência das colônias. Complementarmente, Brito (2008) pondera sobre o receio de extinção e perda de identidade de um grupo ao ser sobreposto sobre outro. Isso dificulta a união nacional, a qual é um fator de extrema importância para o desenvolvimento do Estado.

Também, Gonçalves (2001) reflete que em regiões da África, como o caso do antigo Reino do Congo, o poder colonial desarticula as simbolizações das estruturas sociais, políticas e religiosas. E até a colonização distorce a estrutura da sociedade de relação patrilateral e alianças na organização social, na qual ambiguidades étnicas são acomodadas, de maneira que a sociedade não tenha conflitos desestruturantes<sup>15</sup>.

Então, de acordo com Gonçalves (2001), se forma um sistema político formal e monolítico autônomo, em relação ao social, que distorce as relações sócio-políticas pela subversão de dois valores complementares que são o poder sagrado e os valores simbólicos dos espíritos tutelares da terra.

Gonçalves (2001) avalia, inclusive, que na África hodierna os sentimentos étnicos são utilizados para manipulações políticas eleitorais. E isso cria uma repressão contra os demais grupos étnicos que não estão no poder<sup>16</sup>. Conforme Amin (1989 *apud* BRANCO,

---

14 O maior o nível de liberdade oportuniza o surgimento de outras demandas. Porém, os conflitos étnicos dificultam o surgimento da democracia no continente africano, a qual é um fator fundamental de desenvolvimento (MARTIN, 2006; GONÇALVES, 2001).

15 Anteriormente a colonização, em relação ao caso do Bakongos, no antigo Reino do Congo, há um domínio pela matrilinearidade, porém, as relações patrilineares harmonizam a organização social, de modo que há um equilíbrio tradicional entre a matrilinearidade e a linha patrilateral (GONÇALVES, 2001).

16 Conforme Döpcke (2004), a perspectiva popular avalia a partilha da África, a pobreza, e a cultura política não propensa a paz como ensejadores dos conflitos no continente. No entanto, o autor considera que guerras pela libertação colonial, guerras de separatismo e unificação étnica, guerras por território, guerras por repressão racial existem no mundo inteiro. E o que há em comum na maioria das guerras na África envolvem questões de necessidade humana porque o modelo de Estado africano, criado na descolonização por consenso internacional, é de uma cultura de exclusão absoluta.

2009), essa repressão exacerba o pluralismo cultural e intensifica as diferenças étnicas ao combater tais diferenças por meio de métodos repressivos.

O problema do subdesenvolvimento africano pode ser, de maneira complementar, esclarecido pela apresentação de Doumbia (2011), na qual a autora pondera que a compreensão do desenvolvimento tem sido tratada sob uma visão etnocêntrica. Segundo a autora, o conceito de desenvolvimento parte de uma visão unilateral e redutora do mundo, a partir de um imaginário de um modelo, no qual a modernização africana deve passar por uma transformação das estruturas materiais e mentais.

Com efeito, a autora afirma que um modelo de desenvolvimento mal compreendido ocasiona uma crise de identidade no continente africano, o qual pode ensejar crises políticas e econômicas. Assim sendo, conforme a autora, as políticas de desenvolvimento voltadas à África tendem a acentuar a situação de pobreza, uma vez os programas de reajustamento estrutural não integram o continente no mercado mundial por ser um modelo baseado no mimetismo. Por isso, *Joseph Ki-Zerbo (1992) utilizou nos anos 70 o termo de desenvolvimento endógeno para explicar que “não desenvolvemos” mas “nós nos desenvolvemos”* (DOUMBIA, 2011, p. 127)

Independente das questões fronteiriças, delimitadas pelos europeus, o antagonismo entre povos diferentes já existe na África muito antes da chegada dos colonizadores. Até pode-se esperar em que um continente gigantesco predomine povos bastante diferentes e conflituosos. Entretanto, a emulação entre povos é ampliada com a política de expansão europeia, posto que ascende ao poder determinados grupos africanos, em detrimentos de outros.

O medo dessa sobreposição, aliada a ganância de grupos rebeldes submetido ao amparo de um ambiente político frágil impede que segmentos industriais floresçam no continente africano, de jeito que, inclusive, um ambiente institucional propício ao desenvolvimento do crédito e do investimento estrangeiro direto encontre obstáculo.

A fragilidade das instituições políticas, seja no fomento do crédito, seja na regulação econômica ou mesmo no combate eficaz aos grupos rebeldes, entre outros fatores, prejudica, inclusive, a defesa dos interesses africanos no comércio exterior agrícola.

Dessa maneira, com o sucateamento das manufaturas e uma pobreza incapaz de sequer consumir produtos, derivados de seu meio rural, alimenta uma miséria que se soma ao colapso institucional<sup>17</sup>. Mas, isso representa uma das consequências do atual ambiente institucional na África que retroalimenta a ação humana.

Portanto, ao observar a gênese do desenvolvimento da sociedade econômica africana, a qual ainda não tem, ao menos, em muitas regiões, um ambiente nos conformes do instinto voltado para o artesanato, se analisa que a ação humana antecede o processo

---

17 Brito (2008) analisa que os países pobres africanos estão reféns da armadilha dos conflitos, de modo que obste políticas de desenvolvimento, porque há uma causalidade circular entre pobreza e conflitos. Porém, o autor observa que a divisão étnica e os conflitos são fatores de ordem econômica, em razão da débil estrutura produtiva e da dependência econômica.

institucional e que, desde então, a mudança de ambos os fatores da questão desta pesquisa influencia um ao outro, de maneira tal que o ambiente institucional está sempre se retroalimentando<sup>18</sup>.

#### 4. Revisão de literatura empírica

Hodgson (2006) realiza, por meio do método de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO), uma regressão, entre 1989 e 2005, com dados de 27 antigos países comunistas da União Soviética para avaliar o impacto das instituições no crescimento econômico. O autor toma como variáveis independentes os índices de recessão econômica, influência da cristandade ocidental no território nacional, democracia e fragmentação étnica utilizada por Fearon (2003).

Para aplicação do índice de recessão econômica o autor utiliza o ponto mais baixo do PIB per capita, na década de 1990, em comparação com o PIB per capita de 1989.

O autor tem em objetivo demonstrar a importância das instituições nacionais eficazes, da aplicação de regras não discriminatórias e da superação do legado econômico negativo com as divisões étnicas no crescimento econômico.

Demais variáveis como direitos de propriedade, corrupção, liberdade econômica não apresentam significância estatística no modelo, ao nível de 5%. Em relação à recessão econômica, esta apresenta insignificância estatística quando se considera a profundidade e tempo da recessão. Porém quando se considera somente a profundidade há significância. Com relação à influência da cristandade ocidental, já que outros países da análise sofrem influência do islamismo e do catolicismo ortodoxo russo, a influência do protestantismo não apresenta significância, enquanto, no catolicismo há significância estatística. E, em referência à fragmentação étnica, a qual há significância, o oposto ocorre quando se trata de fragmentação cultural.

Conforme o autor não deixa de evidenciar, a ocorrência de insignificância estatística tem relação com índices imperfeitos ou de causalidade de menor importância.

A influência da cristandade ocidental é a única variável que determina positivamente no PIB, ou seja, a cada um por cento de aumento dessa variável regressora, a variável resposta aumenta em 1.711. Enquanto, recessão econômica, democracia e fragmentação étnica determinam negativamente e respectivamente no PIB em 0.067, - 0.306 e - 4.47. O coeficiente positivo de recessão refere-se à recessão de baixa profundidade, a qual determina positivamente no crescimento econômico.

Nota-se que a fragmentação étnica exerce o maior peso negativo no PIB, seguida pela variável de democracia e de recessão.

---

18 A ação humana, ou melhor, a ação do agregado dos agentes da sociedade procede, sob os moldes de Veblen (1998), do modo de pensar coletivo. Porém, uma vez determinada a dinâmica da sociedade, o modo de pensar coletivo, a ação humana e o processo institucional determinam um ao outro, sequencialmente, do início ao fim e do fim ao início.

Todas as variáveis apresentam significância estatística entre 0,1 e 1%. E o coeficiente de determinação ajustado é de 0,822, o que configura num modelo bem explicado pela relação das variáveis exógenas para com a variável endógena.

Conforme Winiecki (2004 *apud* Hodgson, 2006), o legado institucional da cristandade sofre influência do iluminismo, movimento o qual se difundiu a separação entre a Igreja e o Estado, além das inovações necessárias ao desenvolvimento da ordem econômica e da defesa dos direitos individuais e, desde então, mais favorável ao comércio e ao empreendedorismo. Nos países, cuja religião oficial ou base é a cristã ocidental, a separação entre Igreja e Estado tende a ocorrer. E tais normas se enraízam na vida social.

A fragmentação étnica dificulta a inserção de regras gerais (HAYEK 1960 *apud* HODGSON, 2006). E, assim, também dificulta uma coalizção que preserve os interesses nacionais. De acordo com Weber (1930 *apud* Hodgson, 2006), o capitalismo moderno exige a introdução de regras gerais e impessoais. Logo, em uma economia moderna e inovadora, as estruturas sociais sofrem modificações. Porém, sob a divisão étnica essas modificações ficam dificultadas (HODGSON, 2006).

E a democracia requer um sentido de identidade e cidadania nacional. Entretanto, sob a fragmentação étnica, esse sentido se torna difícil. A fragmentação étnica nos antigos países comunista estudados torna a democracia uma variável negativa ao crescimento econômico. A democracia permite a legitimidade e o consenso perante as regras gerais que regulam a atividade econômica. Todavia, seus princípios democráticos devem estar arraigados nos hábitos de pensamento da sociedade (HODGSON, 2006).

Na democracia, um governo economicamente ineficiente pode ser derrotado pelos eleitores. Mas, de acordo Weingast (2005 *apud* Hodgson, 2006), num regime democrático, quando sob a diversidade étnica, a coalizção tão necessária ao consenso geral, se torna difícil, de modo que um grupo étnico possa exercer os benefícios do poder a si próprio, à custa do outro grupo. Inclusive, conforme Hodgson (2006), o sentimento étnico pode ser usado em manipulações eleitorais.

À vista disso, a democracia não exerce uma variável positiva ao crescimento, durante o período de pesquisa dos países objetos, dado que tais princípios são usados para manipulações eleitorais, além da limitada experiência democrática dos governos (HODGSON, 2006).

## 5. Análise de resultados

Com base no estudo de Hodgson (2006), esta pesquisa realiza uma análise em painel pelo Método de Momentos Generalizados (GMM - Generalized Method of Moments), além do MQO, porque o GMM permite que em grandes amostras se elimine, além do problema de endogeneidade, o problema de heterocedasticidade com maior eficiência ao minimizar a variância assintótica entre os estimadores do método de momentos (CRAGG, 1983; WOOLDRIDGE, 2001).

### 5.1 *Dados*

O período temporal compreende um intervalo decenal entre 1993, quando a última nação africana se torna independente (a Eritreia), e 2013, em 21 países<sup>19</sup>. Os dados de estimação são:

**Produto interno bruto (%) (PIB):** Variável resposta. Dados do Banco Mundial (World Bank).

**Controle da corrupção (CONTROL):** Reflete a captura do Estado pelos interesses privados, isto é, o nível de corrompimento dos agentes públicos pelos atores do setor privado. Esta variável tem uma correlação positiva com a variável resposta. Dados da Transparência Internacional (Transparency International).

**Cristianismo (CRIST):** Esta é a variável dummy. Quando zero (0) reflete uma minoria cristã, que neste caso é igual ou menor do que 50%. E quando um (1) reflete uma maioria cristã, quer dizer, maior que 50%. Dados obtidos pela Organização das Nações Unidas (United Nations) e pela literatura de Barbosa (2012).

**Democracia (DEMO):** Captura a liberdade de expressão dos cidadãos em participar da escolha do governo, assim, como a liberdade das mídias sociais. Esta variável tem uma correlação positiva com a variável resposta. Dados da Transparência Internacional (Transparency International).

**Fragmentação cultural (CULT):** Esta variável tem uma correlação negativa com a variável resposta. Dados de Fearon (2003).

**Fragmentação étnica (ETNI):** Esta variável tem uma correlação negativa com a variável resposta. Dados de Fearon (2003).

**Percepção da corrupção (PERCEP):** Esta variável representa o quanto a corrupção é percebida com fundamento em observações de instituições independentes e de alta reputação. Esta variável tem uma correlação negativa com a variável resposta. Dados da Transparência Internacional (Transparency International).

**Regras e leis (REGR):** Reflete a confiança que o público tem na qualidade da execução dos contratos, direitos de propriedade, a polícia e os tribunais e também na probabilidade de ocorrência de crimes e atos de violência. Esta variável tem uma correlação positiva com a variável resposta. Dados da Transparência Internacional (Transparency International).

---

<sup>19</sup> Ver anexo.

## 5.2 Resultados

A representação geral dos modelos de estimação corresponde à equação (1), logo abaixo. A única variável explanatória com defasagem é o PIB pela razão de ser a única variável que varia no período temporal.

$$PIB = \beta_0 + \beta_1 PIB_{t-1} + \beta_2 CONTROL_t + \beta_3 CRIST_t + \beta_4 DEMO_t + \beta_5 CULT_t + \beta_6 ETNI_t + \beta_7 PERCEP_t + \beta_8 REGR_t + \varepsilon_t \quad (1)$$

Tabela 1 - Resultados de MQO

Tabela 2 - Resultados de GMM

Variáveis explanatórias	MQO				Variáveis explanatórias	GMM			
	Eq.1	Eq.2	Eq.3	Eq.4		Eq.1	Eq.2	Eq.3	Eq.4
<b>C</b>	-17,3694** (6,6563) [-2,6095]	-17,3279** (6,5582) [-2,6422]	-17,4422** (6,4564) [-2,7015]	-16,5363** (6,3176) [-2,6175]	<b>C</b>	-17,3694** (6,6563) [-2,6095]	-17,3279** (6,5582) [-2,6422]		
<b>PIB(-1)</b>	0,4015 (0,3329) [1,2062]	0,3989 (0,3279) [1,2167]	0,3921 (0,3225) [1,2160]	0,3664 (0,3191) [1,1484]	<b>PIB(-1)</b>	0,4015 (0,3329) [1,2062]	0,3989 (0,3279) [1,2167]	0,0102 (0,3105) [0,0328]	
<b>CONTROL</b>	12,2846 (16,3071) [0,7533]	12,0180 (16,0187) [0,7503]	10,7161 (15,0388) [0,7126]	11,6543 (14,9101) [0,7816]	<b>CONTROL</b>	12,2846 (16,3071) [0,7533]	12,0180 (16,0187) [0,7503]	30,0785** (13,3151) [2,2590]	30,3653** (12,9609) [2,3428]
<b>CRIST</b>	-0,5550 (2,8348) [-0,1958]				<b>CRIST</b>	-0,5550 (2,8348) [-0,1958]			
<b>DEMO</b>	-8,5771 (13,5888) [-0,6312]	-8,4658 (13,3836) [-0,6326]	-9,7671 (12,2788) [-0,7954]	-7,9004 (11,9800) [-0,6595]	<b>DEMO</b>	-8,5771 (13,5888) [-0,6312]	-8,4658 (13,3836) [-0,6326]		
<b>CULT</b>	-7,8606 (10,8885) [-0,7219]	-6,9745 (9,7620) [-0,7145]	-7,4236 (9,4844) [-0,7827]		<b>CULT</b>	-7,8606 (10,8885) [-0,7219]	-6,9745 (9,7620) [-0,7145]	-3,3133 (9,9063) [-0,3345]	
<b>ETNI</b>	25,4670** (11,1803) [2,2778]	24,6115** (10,1443) [2,4261]	25,0570** (9,8695) [2,5388]	19,5711*** (6,9112) [2,8318]	<b>ETNI</b>	25,4670** (11,1803) [2,2778]	24,6115** (10,1443) [2,4261]	13,9427*** (7,6536) [1,8217]	11,9171** (4,5570) [2,6151]
<b>PERCEP</b>	16,4571 (29,4423) [0,5590]	15,4786 (28,6016) [0,5412]	14,3646 (27,9110) [0,5147]	11,3782 (27,4999) [0,4138]	<b>PERCEP</b>	16,4571 (29,4423) [0,5590]	15,4786 (28,6016) [0,5412]	-43,0328** (19,5661) [-2,1994]	-43,0619** (18,9012) [-2,2783]
<b>REGR</b>	-4,5416 (14,8153) [-0,3065]	-3,6904 (13,9612) [-0,2643]			<b>REGR</b>	-4,5416 (14,8153) [-0,3065]	-3,6904 (13,9612) [-0,2643]		
<b>R<sup>2</sup> ajustado</b>	0,2106	0,2330	0,2533	0,2614	<b>R<sup>2</sup> ajustado</b>	0,2106	0,2330	0,1434	0,1848
<b>Estatística F</b>	2,3676	2,7789	3,3186	3,9018	<b>Estatística J</b>	0,0000	0,0394	6,5917	7,0449
<b>Prob F</b>	0,0390	0,0213	0,0108	0,0063	<b>Prob J</b>	-	0,8426	0,1591	0,3167
<b>Akaike</b>	7,1018	7,0554	7,0098	6,9795	<b>Instrument rank</b>	9	9	9	9

Obs.: ( ) para desvio padrão e [ ] para estatística t. (\*) nível de significância de 10%, (\*\*) 5% e (\*\*\*) 1%. As variáveis instrumentais são PIB(-1), CONTROL, CRIST, DEMO, CULT, ETNI, PERCEP e REGR.

Fonte: Elaboração própria.

Com base nos resultado de MQO, somente ETNI apresenta significância estatística, porém com sinal oposto ao apresentado pela literatura, uma vez que conforme esta abordagem, há uma correlação negativa entre ETNI e PIB.

As variáveis PIB(-1), CONTROL, CULT e PERCEP apresentam o sinal esperado, só que seus respectivos impactos não apresentam significância. Já a variável dummy CRIST e as demais variáveis (DEMO e REGR), além de não terem significância, têm sinal negativo, sendo que o impacto de CRIST está na direção contrária ao esperado.

As estimações do modelo apresentam significância global, de acordo com as Estatísticas F, e baixos níveis de coeficiente de determinação ajustados, os quais variam em torno de 0,21 e 0,26.

Nas estimações de GMM a variável dummy piora os resultados do modelo. Contudo, a variável instrumental CRIST torna os resultados, em geral, melhores.

Assim, como no MQO, a ETNI apresenta significância e com sinal contrário ao esperado pela literatura, que talvez, em parte, isso pode ser explicado por alguma variável omitida no modelo, já que os respectivos coeficientes de determinação ajustados apresentam baixos valores, em torno de 0,14 a 0,23.

As variáveis REGR e DEMO são insignificantes e têm sinal negativo. E PIB(-1) e CULT apresentam o sinal esperado, porém sem significância. Já os impactos de PERCEP e CONTROL apontam para a questão da corrupção no continente africano, uma vez ambas as variáveis são significantes e apresentam a direção de impacto esperada.

Em ambas as variáveis relacionadas à corrupção há um impacto significativo relativamente considerável, as quais estão em torno de, respectivamente, para PERCEP e CONTROL, -0,43 e 30,0.

Com relação à Estatística J, o modelo apresenta boa especificação pelo motivo de ter os p-valores maiores do que 10%, quer dizer, confirma-se a hipótese nula de correta especificação do modelo em  $J > 0,1$ . Todavia, os respectivos  $R^2$  ajustados possuem baixos níveis, em torno de 0,18 e 0,23.

## 6. Conclusão

A abordagem institucionalista compreende que o processo institucional e, assim, a ação humana é gradual e cumulativa, posto que ação humana é teleológica e que os agentes têm hábitos sob a influência de experiências passadas.

Com efeito, os agentes e, por conseguinte, a sociedade econômica forma um nível de estoque de conhecimento que, dependendo do nível de desenvolvimento da técnica produtiva, a sociedade econômica pode ter um instinto para o esporte ou um instinto para o artesanato.

No primeiro instinto, a técnica produtiva, ainda não tem um nível industrial, de maneira que a emulação tende a prevalecer. E no segundo instinto, em razão técnica

industrial, o desejo pelo trabalho bem feito tende a se configurar nos costumes da sociedade.

Sob tal abordagem literária, se analisa a sociedade econômica africana. Em razão de diferenças, anteriormente à colonização e, posteriormente, a mesma com um grau maior de conflitos, a técnica industrial não se desenvolve suficientemente, de tal forma que o continente africano se caracteriza como o continente mais subdesenvolvido do planeta, a despeito de sua imensa riqueza natural.

E essa interação no continente de certa forma foi encontrada pela análise empírica porque, ainda que a fragmentação étnica não tenha apresentado o impacto esperado, o problema da corrupção exerce impacto negativo no crescimento econômico, de modo que inclusive chega a afetar as relações sociais na região e em seu respectivo desenvolvimento.

Porém, todo esse processo institucional se eiva pela ação humana. E desde, então, a mudança do processo institucional molda a mudança da ação humana e vice-versa, visto que ambas as alterações passam a se retroalimentar, de modo que torna bastante difícil romper essa inércia institucional.

E isso não se resolve, simplesmente, com políticas econômicas ou de desenvolvimento econômico pelo motivo de englobar um conjunto de questões. Mas, como solucionar o problema do subdesenvolvimento da África é outra questão porque esta pesquisa se limita, apenas, em analisar as causas.

## Referências

ALBERT, C. E; BAGOLIN, I. P; QUADROS, M. P. Aportes da economia institucional e da psicologia: hábitos e costumes na construção da escolha do agente econômico. *Cadernos de economia*, v. 12, n. 22, p. 7-23, jan./jun. 2008.

BARBOSA, M. S. Eurocentrismo, história e história da África. *Sankofa - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, n. 1, p. 46-63, jun. 2008.

BARBOSA, M. S. *A África por ela mesma: a perspectiva africana na "História Geral da África" (UNESCO)*. 2012. 209 f. Tese (doutorado em história) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

BRANCO, M. C. Desenvolvimento, subdesenvolvimento e democracia em África. *Repositório Universidade de Évora*, p. 1-24, 2009.

BRITO, I. A economia dos conflitos em África. *Revista Lusófona de Estudos Africanos*, n. 1, p. 177-197, 2008.

CAMPOS, R. D. E; GONÇALVES, C. H. P; RIEGER, F. C. Poder e identidade na África: o imperialismo e suas consequências para o continente. *Revista Perspectiva*, p. 143-162, n. 7, 2011.

CRAGG, J.G. More efficient estimation in the presence of heteroscedasticity of unknown form. *Econometrica*, v. 51, n. 3, p. 751-763, maio. 1983.

DÖPCKE, W. A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. *Rev. Bras. Polít. Int.*, v. 42, n. 1, p. 77-109, 1999.

DÖPCKE, W. Paz e Guerra na África. *Boletim Meridiano 47*, v. 5, n. 44-45, p.16-19, mar./abr. 2004.

DOUMBIA, F. O conceito de desenvolvimento atual na África ou o paradoxo de um conceito subdesenvolvido. *Trabalho & Educação*, v.20, n.2, p.117-129, mai./ago. 2011.

FEARON, J. D. Ethnic and Cultural Diversity by Country. *Journal of Economic Growth*, n. 8, n. 2, p. 195-222, jun. 2003.

GONÇALVES, A. C. *Identidades e alteridades sociais: desafios às solidariedades sociais e aos poderes políticos*. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL “MULTICULTURALISMO, PODERES E ETNICIDADES NA ÁFRICA SUBSARIANA”. Porto: Faculdade de letras e Centro de Estudos da Universidade do Porto, 2001. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1277&sum=sim>> Acesso em: 06 de jun. 2016.

HAMILTON, W. H. The Institutional Approach to Economic Theory. *The American Economic Review*, v. 9, n. 1, p. 309-318, mar. 1919.

HEIMER, F. W. *Fronteiras e identidades sociais em África*. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL “MULTICULTURALISMO, PODERES E ETNICIDADES NA ÁFRICA SUBSARIANA”. Porto: Faculdade de letras e Centro de Estudos da Universidade do Porto, 2001. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1277&sum=sim>> Acesso em: 06 de jun. 2016.

HODGSON, G. M. The approach of Institutional Economics. *Journal of Economic Literature*, v. 36, p. 166-192, 1998.

HODGSON, G. M. Reclaiming habit for institutional economics. *Journal of Economic Psychology*, n. 25, p. 651-660, 2004.

HODGSON, G. M. Institutions, recessions and recovery in the transitional economies. *Journal of economic issues*, v. 40, n. 4, p. 875-894, dez. 2006.

LAZARIC, N. The role of routines, rules and habits in collective learning: some epistemological and ontological considerations. *European Journal of Economic and Social Systems*, v. 14, n. 2, p. 157-171, 2010.

MACHADO, V. A. N. S. O conflito na África Austral. *Nação e Defesa*, Lisboa, v. 9, n. 29, p. 11-23, jan./mar. 1984.

MARTIN, J. P. Releitura do desenvolvimento e dos direitos: Lições da África. Trad. KATO, D. *SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos*, v.3, n. 4, p. 90-101, 2006.

OLIVEIRA, T. O. *Instituições, desenvolvimento e sustentabilidade sob a perspectiva da economia institucional original*. 2013. 169 f. Dissertação (mestrado em economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2013.

SOUSA, I. C. *A conflitualidade na África subsariana: do problema das fontes a renovação das terorias*. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL “MULTICULTURALISMO, PODERES E ETNICIDADES NA ÁFRICA SUBSARIANA”. Porto: Faculdade de letras e Centro de Estudos da Universidade do Porto, 2001. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1277&sum=sim>> Acesso em: 06 de jun. 2016.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. Disponível em: <<http://www.transparency.org/country/>>. Acesso em: 25 de jun. 2016.

UNITED NATIONS DATA. Disponível em: <<http://data.un.org/Data.aspx?d=POP&f=tableCode:28>>. Acesso em: 30 de jun. 2016.

VEBLEN, T. B. (1898). Why is Economics Not an Evolutionary Science? *Cambridge Journal of Economics*, n. 22, p. 403-414, 1998.

VEBLEN, T. B. The Instinct of Workmanship and the Irksomeness of Labor. *American Journal of Sociology*, v. 4, n. 2, p. 187-201, set. 1898.

VEBLEN, T. B. (1923). O sistema industrial e os capitães da indústria. Trad. AGUIAR, P; CRUZ, M. *OIKOS*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 116-128, 2011.

WORLD BANK DATA. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator>>. Acesso em: 30 de jun. 2016.

WOOLDRIDGE, J. M. Applications of generalized method of moments estimation. *Journal of Economic Perspectives*, v. 15, n. 4, p. 87–100, 2001.

## Anexo

Tabela 3 – Dados de estimação

Países	PIB 1993	PIB 2003	PIB 2013	ETNI	CULT	CRIST	PERCEP	CONTROL	REGR	DEMO
África do Sul	1,2336	2,9491	2,2124	0,880	0,530	1	0,440	0,610	0,580	0,650
Argélia	-2,1000	7,2000	2,8000	0,320	0,237	0	0,360	0,380	0,270	0,180
Botswana	1,9161	4,6259	9,8603	0,351	0,161	1	0,630	0,800	0,680	0,600
Burkina Faso	3,4614	7,8024	3,6493	0,704	0,354	0	0,380	0,440	0,480	0,390
Burundi	-6,2400	-1,2237	4,5941	0,328	0,040	1	0,200	0,120	0,100	0,220
Gana	3,0121	6,8700	4,7809	0,846	0,388	1	0,480	0,600	0,540	0,630
Guiné Bissau	5,0441	1,2486	2,3000	0,818	0,568	0	0,190	0,140	0,060	0,240
Libéria	3,3306	4,6912	4,4610	0,899	0,644	1	0,370	0,360	0,170	0,400
Líbia	-32,9754	-30,1452	8,7039	0,151	0,127	0	0,180	0,060	0,180	0,030
Malawi	2,0966	9,7849	2,2635	0,829	0,294	1	0,330	0,420	0,510	0,440
Marrocos	3,1722	12,9523	7,0145	0,479	0,360	0	0,390	0,530	0,500	0,280
Maurício	-0,7406	5,9612	4,7253	0,632	0,448	0	0,540	0,730	0,750	0,700
Mauritânia	5,0821	3,6569	3,1892	0,625	0,272	0	0,300	0,290	0,220	0,230
Moçambique	5,8736	5,9783	6,0903	0,765	0,285	0	0,310	0,430	0,370	0,450
Níger	-1,5795	4,2398	5,6546	0,637	0,600	0	0,350	0,310	0,330	0,300
Quênia	2,0904	10,3542	5,3944	0,852	0,601	1	0,250	0,190	0,170	0,400
Ruanda	-8,1087	1,4513	4,6845	0,180	0,000	1	0,490	0,710	0,460	0,110
Senegal	1,3008	6,6832	3,4852	0,727	0,402	0	0,430	0,300	0,420	0,360
Tunísia	2,1898	4,7024	2,3000	0,039	0,033	0	0,400	0,550	0,590	0,100
Uganda	8,3263	6,4733	3,2707	0,930	0,647	1	0,260	0,210	0,420	0,340
Zâmbia	6,7973	6,9450	6,7135	0,726	0,189	1	0,380	0,330	0,380	0,390

Fonte: Elaborado pelo autor.